

Tribunal da Coroa de Lancaster

*R-versus*-BRIGHTMAN

Quarta-feira, 11 de maio de 2005

Sessão da manhã

Perante:

O MERETÍSSIMO JUIZ NOLAN

- DR. MACLEAN            Importa-se de indicar o seu nome completo?  
SR. BRIGHTMAN        Lee Anthony Brightman.  
DR. MACLEAN            Obrigado. Agora, senhor Brightman, teve um relacionamento com a menina Bailey, correto?
- SR. BRIGHTMAN        Sim.  
DR. MACLEAN            Durante quanto tempo?  
SR. BRIGHTMAN        Conheci-a em finais de outubro de 2003. Andámos juntos até meados de junho do ano passado.
- DR. MACLEAN            E como se conheceram?  
SR. BRIGHTMAN        No trabalho. Eu estava a trabalhar numa operação e aconteceu conhecê-la no decurso dessa tarefa.
- DR. MACLEAN            E construíram uma relação?  
SR. BRIGHTMAN        Sim.  
DR. MACLEAN            Disse que essa relação terminou em junho. Tratou-se de uma decisão mútua?
- SR. BRIGHTMAN        As coisas não estavam a correr bem há algum tempo. A Catherine tinha muitos ciúmes dos períodos que eu passava longe dela, a trabalhar. Convenceu-se que eu tinha um caso.
- DR. MACLEAN            E tinha?  
SR. BRIGHTMAN        Não. O meu trabalho obriga-me a passar vários dias seguidos fora de casa, e a natureza desse trabalho significa que não posso contar a ninguém, nem sequer à minha namorada, onde estou ou quando regressarei.
- DR. MACLEAN            O tempo que passava longe da menina Bailey deu azo a discussões?  
SR. BRIGHTMAN        Sim. Ela procurava mensagens de outras mulheres no meu telemóvel, exigia saber onde eu tinha

- estado, quem tinha visto. Quando regressava de um trabalho, tudo o que eu queria era esquecer e descontrair um pouco. Comecei a ter a sensação de que nunca conseguia ter oportunidade de o fazer.
- DR. MACLEAN Então pôs fim à relação?  
SR. BRIGHTMAN Não. Às vezes discutíamos, mas eu amava-a. Sabia que ela tinha alguns problemas emocionais. Quando se atirava a mim, eu dizia sempre para comigo que a culpa não era dela.
- DR. MACLEAN Que quer dizer com «problemas emocionais»?  
SR. BRIGHTMAN Bem, ela disse-me que tinha sofrido de ansiedade, no passado. Quanto mais tempo passava com ela, mais isso vinha à superfície. Ela saía para beber com as amigas, ou bebia em casa, e, quando eu chegava, virava-se contra mim.
- DR. MACLEAN Relativamente aos problemas emocionais, gostava de lhe fazer mais algumas perguntas a esse respeito. No decurso do seu relacionamento com a menina Bailey, alguma vez viu sinais de que ela se ferisse a si própria em momentos de stress emocional?
- SR. BRIGHTMAN Não. As amigas dela disseram-me que ela praticara automutilação no passado.
- DR. LEWIS Objeção, meritíssimo. A testemunha não foi interrogada acerca das opiniões das amigas da menina Bailey.
- MM. JUIZ NOLAN Senhor Brightman, faça o favor de se limitar às perguntas que lhe são colocadas. Obrigado.
- DR. MACLEAN Senhor Brightman, o senhor referiu que a menina Bailey «se virava» contra si. Pode explicar o que entende por «virar-se»?
- SR. BRIGHTMAN Gritava, empurrava-me, esbofeteava-me, dava-me pontapés. Esse tipo de coisa.
- DR. MACLEAN Era violenta para consigo?  
SR. BRIGHTMAN Sim. Bem, sim. Era.
- DR. MACLEAN Em quantas ocasiões, sabe dizer?  
SR. BRIGHTMAN Não sei. Não contei.
- DR. MACLEAN E que fazia o senhor geralmente, nessas ocasiões em que ela «se virava» contra si?

SR. BRIGHTMAN Afastava-me. Já lido bastante com esse tipo de coisas no trabalho; não preciso disso quando chego a casa.

DR. MACLEAN E alguma vez foi violento para com ela?

SR. BRIGHTMAN Só da última vez. Ela tinha-me trancado dentro de casa e escondido a chave algures. Estava doida de fúria. Eu tinha estado a trabalhar num caso particularmente difícil e algo estalou dentro de mim. Bati-lhe também. Foi a primeira vez na vida que bati numa mulher.

DR. MACLEAN A última vez... A que data se refere exatamente?

SR. BRIGHTMAN Foi em junho. Dia 13, creio.

DR. MACLEAN Importa-se de nos descrever esse dia?

SR. BRIGHTMAN Tinha passado a noite anterior em casa de Catherine. Nesse fim de semana estava de serviço, pelo que saí para o trabalho antes de ela acordar. Quando regresssei a sua casa, nessa noite, a Catherine tinha estado a beber. Acusou-me de ter passado o dia com outra mulher; aquilo que eu passava a vida a ouvir. Ainda aguentei um bocado, mas ao fim de duas horas estava farto. Levantei-me para ir embora, mas ela tinha trancado a porta da frente. Desatou aos gritos comigo, a praguejar, a dar-me palmadas e a arranhar-me a cara. Dei-lhe um empurrão, apenas o bastante para a afastar. Então ela atirou-se outra vez a mim e eu bati-lhe.

DR. MACLEAN Como lhe bateu, senhor Brightman? Foi um murro, uma bofetada?

SR. BRIGHTMAN Atingi-a com o punho fechado.

DR. MACLEAN Estou a ver. E que aconteceu depois?

SR. BRIGHTMAN Ela não parou; limitou-se a gritar ainda mais alto e atirou-se de novo a mim. Por isso bati-lhe outra vez. Creio que com mais força. Ela caiu para trás. Aproximei-me para ver se ela estava bem, para a ajudar a levantar-se. Suponho que devo ter-lhe pisado a mão. Ela berrou-me e atirou-me uma coisa. Era a chave da porta da frente.

DR. MACLEAN Que fez o senhor?

SR. BRIGHTMAN Peguei na chave, destranquei a porta e saí.

DR. MACLEAN Que horas eram?

SR. BRIGHTMAN Deviam ser sete e um quarto.

DR. MACLEAN E quando a deixou, em que estado estava ela?

SR. BRIGHTMAN Continuava aos gritos e berros.

DR. MACLEAN Estava ferida, a sangrar?

SR. BRIGHTMAN Penso que talvez estivesse a sangrar.

DR. MACLEAN Pode especificar, senhor Brightman?

SR. BRIGHTMAN Tinha um pouco de sangue no rosto. Não sei de onde vinha. Não era muito sangue.

DR. MACLEAN E o senhor também tinha algum ferimento?

SR. BRIGHTMAN Apenas alguns arranhões.

DR. MACLEAN Considerou que ela podia precisar de assistência médica?

SR. BRIGHTMAN Não.

DR. MACLEAN Apesar de ela estar aparentemente a sangrar e a gritar de dor?

SR. BRIGHTMAN Não tenho qualquer recordação de ela gritar de dor. Quando saí de casa, estava a gritar e praguejar contra mim. Se precisasse de assistência médica, creio que teria sido capaz de a pedir por si própria, sem o meu auxílio.

DR. MACLEAN Estou a ver. Depois de sair de casa, às sete e um quarto, voltou a ver a menina Bailey?

SR. BRIGHTMAN Não, não voltei a vê-la.

DR. MACLEAN Entrou em contacto com ela por telefone?

SR. BRIGHTMAN Não.

DR. MACLEAN Senhor Brightman, quero que pense muito bem antes de responder à minha próxima pergunta. Como se sente agora relativamente aos incidentes desse dia?

SR. BRIGHTMAN Tenho profundos remorsos por tudo o que aconteceu. Amava a Catherine. Tinha-lhe pedido para casar comigo. Não fazia ideia de que ela estivesse tão perturbada a nível emocional e só gostaria de não ter retaliado. Desejaria ter-me esforçado mais para a acalmar.

DR. MACLEAN Obrigado. Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

## CONTRAINTERROGATÓRIO

- DR. LEWIS                    Senhor Brightman, descreveria o seu relacionamento com a menina Bailey como sendo sério? Pensava que era sério, sim.
- SR. BRIGHTMAN
- DR. LEWIS                    Tem consciência de que os termos e condições do seu contrato de trabalho o obrigam a informar os seus empregadores de quaisquer alterações nas suas circunstâncias pessoais, incluindo a disponibilização de detalhes acerca dos seus relacionamentos?
- SR. BRIGHTMAN            Sim.
- DR. LEWIS                    Contudo optou por não informar ninguém no seu trabalho acerca da sua relação com a menina Bailey, não é assim?
- SR. BRIGHTMAN            Planeava fazê-lo quando a Catherine aceitasse casar comigo. A minha avaliação estava marcada para o final de setembro; em qualquer dos casos, teria dado a informação nessa altura.
- DR. LEWIS                    Chamo a sua atenção para a prova WL/1 (encontra-se na página catorze dos documentos de prova), que consiste no depoimento do agente William Lay. O agente Lay deteve-o na terça-feira, 15 de junho de 2004, na sua residência. No depoimento em questão, ele afirma que, quando o interrogou acerca da menina Bailey, o senhor começou por dizer, e passo a citar: «Não sei a quem se refere.» Isto está correto?
- SR. BRIGHTMAN            Não me lembro exatamente do que disse.
- DR. LEWIS                    Trata-se da mulher pela qual o senhor afirmou subsequentemente estar apaixonado, com a qual tencionava casar. Correto?
- SR. BRIGHTMAN            O agente Lay e o agente Newman apareceram em minha casa às seis da manhã. Eu tinha passado as últimas três noites a trabalhar e acabara justamente de me deitar. Estava desorientado.
- DR. LEWIS                    Não é verdade que o senhor também afirmou, aquando do seu interrogatório na esquadra de Lancaster, nesse mesmo dia, e cito de novo, do

seu próprio depoimento: «Ela era apenas uma pessoa que eu estava a investigar. Quando a deixei, estava ótima. Tinha problemas emocionais, problemas de saúde mental.»?

SR. BRIGHTMAN *(inaudível)*

MM. JUIZ NOLAN Senhor Brightman, pode falar mais alto?

SR. BRIGHTMAN Sim.

DR. LEWIS E estava a conduzir uma investigação acerca da menina Bailey?

SR. BRIGHTMAN Não.

DR. LEWIS Não tenho mais perguntas.

MM. JUIZ NOLAN Obrigado. Nesse caso, senhoras e senhores, a sessão será suspensa para o almoço.

## Quinta-feira, 21 de junho de 2001

No que dizia respeito a dias para morrer, o dia mais longo do ano era tão bom como qualquer outro.

Naomi Bennet estava deitada com os olhos abertos, no fundo de uma vala, enquanto o sangue que a mantivera viva durante a totalidade dos seus vinte e quatro anos ia jorrando para a gravilha e o entulho sob o seu corpo.

Enquanto perdia e recuperava a consciência, refletiu na ironia de tudo aquilo: como ia morrer agora, depois de ter sobrevivido a tanta coisa e quando pensava que a liberdade estava tão perto, às mãos do único homem que a amara verdadeiramente e lhe mostrara bondade. Ele erguia-se acima dela, na beira da vala, com o rosto na sombra, enquanto os raios de sol se coavam através das folhas verdes, sarapinhando de luz o cabelo que brilhava como um halo. Esperava.

O sangue encheu-lhe os pulmões e ela tossiu, soprando bolhas escarlates que borbulharam sobre o seu queixo.

Ele permanecia imóvel, com uma mão na pá, a ver o sangue jorrar do corpo dela, maravilhando-se com a sua cor gloriosa, como uma joia líquida, e como, mesmo no momento da morte, ela continuava a ser a mulher mais bonita que ele jamais vira.

Quando o fluxo de sangue se transformou num simples gotejar, o homem virou costas, lançando um olhar sobre a abandonada terra de ninguém que separava a parte de trás do complexo industrial e o início dos terrenos agrícolas. Ninguém ali ia, nem sequer as pessoas que andavam a passear os cães; o solo era áspero e ostentava as cicatrizes do lixo industrial acumulado ao longo de décadas. Ervas daninhas brotavam por entre bobinas vazias, um líquido castanho pingava de bidões enferrujados e, na extremidade da faixa de terreno, por baixo de uma longa fila de limoeiros, uma vala de um metro e oitenta de profundidade drenava as águas pluviais sujas ao longo de um quilómetro e meio até ao rio.

Passaram vários minutos.

Ela estava morta.

Começava a levantar-se vento. O homem ergueu os olhos, através do dossel de folhas, para as nuvens que se perseguiam pelo céu fora.

Desceu cuidadosamente o barranco até ao fundo da vala, apoiando-se à pá, e, sem hesitar, vibrou um golpe no crânio dela. A pá ressaltou bruscamente da primeira vez, mas, à segunda, partiu o osso, com um som surdo, fazendo-o estilhaçar contra a carne. Uma e outra vez, arquejando de esforço, ele foi-lhe esmagando a cara, transformando dentes, ossos e carne numa massa horrenda.

Depois disso ela deixou de ser a sua Naomi.

Serviu-se novamente da faca para lhe retalhar as pontas dos dedos, um de cada vez, e as palmas das mãos, até não restar nada que pudesse permitir uma identificação.

Por fim, utilizou a pá ensanguentada para a cobrir com o entulho, a areia e o lixo que se haviam acumulado na vala. Não saiu um trabalho muito bom: havia sangue por toda a parte.

Mas quando terminou, limpando as lágrimas que não parara de derramar desde o momento em que ela exclamara o seu nome em tom de surpresa, quando ele lhe cortara a garganta, caíram as primeiras gotas de chuva do céu escuro.

## Quarta-feira, 31 de outubro de 2007

Erin estava parada à porta há quase um minuto. O seu reflexo era visível na janela escurecida. Continuei a percorrer a folha de cálculo aberta no ecrã, perguntando-me como seria possível estar escuro quando saíra para o trabalho de manhã e agora já estar escuro outra vez.

— Cathy?

Virei a cabeça.

— Desculpa, estava a quilómetros daqui. Que foi?

Ela encostou-se à porta, com uma mão na anca, o cabelo comprido e castanho-arruivado preso num carrapito.

— Perguntei-te se estavas quase pronta?

— Ainda não. Porquê?

— Não te esqueças de que esta noite é a festa de despedida da Emily. Vens, não vens?

Voltei-me de novo para o ecrã.

— Para ser sincera, não tenho a certeza; preciso de acabar isto. Vão andando. Tentarei ir lá ter mais tarde, se puder.

— Está bem — anuiu ela, por fim. Afastou-se batendo deliberadamente com os pés, embora não fizesse grande barulho com aqueles sapatos.



Esta noite não, pensei para comigo. Especialmente esta noite. O máximo que conseguia era aceitar estar presente no raio da festa de Natal, mas nem pensar em sair à noite para festejar a despedida de uma pessoa que mal conhecia. Andavam a planear a festa de Natal desde agosto; no que me dizia respeito, o fim de novembro era demasiado cedo para uma noitada de Natal, mas fora a data que todos tinham escolhido. A partir daí seguia-se uma sucessão de festas, que se prolongaria mesmo até ao dia de Natal. Cedo ou não, esse era um evento ao qual teria de ir, caso contrário já estava a ouvir os comentários de como eu não sabia «jogar em equipa». E Deus sabe que precisava daquele emprego.

Assim que a última pessoa saiu do escritório, fechei a folha de cálculo e desliguei o computador.

### Sexta-feira, 31 de outubro de 2003

Era sexta-feira, noite das bruxas, e os bares da cidade estavam a deitar por fora.

No Cheshire Arms tinha bebido cidra e vodca, e perdido Claire, Louise e Sylvia, ganhando, em contrapartida, uma nova amiga chamada Kelly. Esta andara na mesma escola que eu, embora não me lembrasse dela. Mas isso não tinha importância para nenhuma de nós; Kelly estava vestida de bruxa sem vassoura, com *leggings* cor de laranja às riscas e uma cabeleira de *nylon* preta, enquanto eu trajava de noiva de Satanás, com um vestido justo de cetim vermelho e sapatos de seda cor de cereja, que me tinham custado mais caro do que o vestido. Já fora apalpada umas poucas de vezes.

Pela uma da manhã, as pessoas fizeram fila na paragem de autocarro ou na praça de táxis, ou partiram a cambalear do centro da cidade, desaparecendo na noite gelada. A Kelly e eu dirigimo-nos para o River, o único bar onde ainda teríamos possibilidade de entrar.

— Vais ter *tanta* sorte com esse vestido, Catherine — comentou Kelly, a bater os dentes de frio.

— Espero bem que sim, não foi nada barato.

— Achas que haverá alguma coisa decente lá dentro? — inquiriu ela, espreitando para a fila desorganizada.

— Duvido. Seja como for, julgava que tinhas dito que não querias saber de homens?

— Disse que não queria saber de relacionamentos. Não quer dizer que não esteja interessada em sexo.

Estava um frio terrível e tinha começado a choviscar. O vento soprava os cheiros da noite de sexta-feira à minha volta e levantava-me a saia. Aconcheguei mais o casaco e cruzei os braços sobre ele.

Dirigimo-nos para a entrada VIP. Lembro-me de pensar se seria boa ideia, se não seria melhor darmos a noite por finda, quando compreendi que a Kelly já estava lá dentro e tratei de a seguir. Uma parede metida num fato cinzento-carvão barrou-me a passagem.

Levantei o olhar para deparar com um incrível par de olhos azuis e uma cabeça coroada de cabelo louro curto. Não era o tipo de pessoa com quem se deseja discutir.

— Espere — disse uma voz. Olhei para o segurança. Não era tão gigantesco como os outros dois, mas não deixava de ser mais alto do que eu. Tinha um sorriso muito atraente.

— Olá — cumprimentei. — Posso entrar com a minha amiga?

Ele fez uma pausa e fitou-me uma fração de segundo mais do que era conveniente.

— Sim — consentiu, por fim. — Claro. É só...

Esperei que concluísse a frase.

— Só quê?

Ele lançou um olhar aos outros seguranças, os quais estavam entretidos a meter conversa com um grupinho de adolescentes muito interessadas em entrar.

— Mal pude acreditar na minha sorte, nada mais.

Ri-me perante o seu descaramento.

— A noite não está a ser grande coisa, é?

— Tenho um fraco por vestidos vermelhos — disse ele.

— Não me parece que este lhe sirva.

Ele riu e abriu a fita de veludo para me franquear a passagem. Senti-o observar-me enquanto entregava o meu casaco no bengaleiro; arrisquei um olhar para a porta e vi-o a olhar fixamente para mim. Atirei-lhe um sorriso e subi as escadas em direção ao bar.

Nessa noite, a única coisa em que consegui pensar foi em dançar até ficar tonta, em sorrir e rir dos outros com a minha nova melhor amiga, em dançar, naquele vestido vermelho, até captar o olhar de alguém, fosse quem fosse, melhor ainda, em descobrir um canto escuro no clube e ser encostada à parede por um bonitão.